

A METÁFORA DO NADA

Luís Campos

No Mundo Vindouro o mundo sera governado por sitetizadores, pessoas capazes de reunir a informacao adequada no momento adequado, pensar de forma logica sobre ela e tomar de maneira sabia importantes decisoes.

Edward O. Wilson

Consilience- The Unity of Knowledge

Observar o acontecimento *Lisboa Capital do Nada* como um todo e ainda em particular em dois domínios aparentemente afastados como são os da arte e da medicina é um desafio à partida difícil, mas quando o autor assume precisamente estas duas facetas esse desafio torna-se irrecusável.

O modelo de abordagem é propositadamente fragmentário, mas a diversidade, a pulverização de acontecimentos e a multiplicidade de sentidos que emergiram constituíram estímulos para este tipo de abordagem.

O tema

A metáfora do nada , no sentido heideggeriano do que torna possível a transcendência do ser, é um convite a começar de novo. Quando é aplicada à necessidade de repensar a cidade e a urbanidade torna-se um ponto de partida excepcional e um estímulo para tudo questionar, suscitar a inovação e simultâneamente remete para uma utopia que é partir dum nada em que nada estivesse já irremediavelmente perdido.

Quando cerca de metade da população planetária vive em cidades, e essa proporção é cerca de 80% nos países desenvolvidos, o tema apresenta-se com uma actualidade inquestionável e uma importância fundamental para a vida das pessoas e das sociedades.

Viver na cidade resulta da necessidade e do prazer que o homem tem de se encontrar com os outros e pressupõe a aceitação da diferença e da diversidade. A cidade é um lugar de coexistência social, económica e cultural que enriquece os habitantes e os torna interdependentes uns dos outros. (M.A. Roca)

Segundo Heidegger, vamos existindo no mundo habitando. Mas só habitamos nele se nos identificarmos no plano individual, de grupo, local e colectivo. Para isso necessitamos casas, equipamentos, espaços públicos, espaços transicionais, estruturas de suporte social identificáveis e uma vida de bairro que permita o entrecruzamento entre o espaço público e o privado. As características dos aglomerados urbanos têm assim uma influência fundamental na construção e na capacidade regenerativa dessa identidade social e esta, assim como a identidade individual, são fundamentais para a existência dum tecido social consolidado e para a adequação dos valores de sustentabilidade. Viver em lugares e espaços qualificados é um direito de cada cidadão.

Tendo consciência destes princípios, o que observamos nas nossas cidades? O desenvolvimento é determinado pelos interesses imobiliários, tendo uma relação desprezível com as necessidades das pessoas. A força laboral é atirada para a periferia em cidades-dormitórios, onde as relações de vizinhança e o esforço de criação de novas centralidades são inexistentes. Os centros urbanos esvaziam-se e são ocupados quase exclusivamente pelo sector terciário. A nova geografia urbana é uma geografia de guetos, guetos de pobres e guetos de ricos, também chamados condomínios, estimulando estratégias de sobrevivência e dificultando a adesão à sustentabilidade.

O pequeno comércio deu lugar aos hipermercados, onde a vida social é pouco mais que um simulacro. As identidades são marketizadas em vez de serem afirmadas quotidianamente. O incentivo à participação foi substituído pelo consumo passivo e sublimante. As torres surgem como afirmação de poder. As cadeias internacionais constroem edifícios uniformemente iguais, indiferentes aos lugares onde se implantam.

Os lugares deram origem aos não lugares, o sentimento de pertença à estranheza, a cidade como suporte de valores à sua ausência, o viver acompanhado à solidão, a visão dos que olham para o horizonte à gestão corrente dos que não veem para além dos limites da sua secretária.

Carl Sagan dizia que o futuro pertence às sociedades que encorajem a diversidade e não o conformismo. Lisboa, Capital do Nada surgiu assim como manifestação dum tremendo inconformismo em relação a algo que é vital para a vida dos indivíduos e das sociedades como é a construção da cidade do futuro.

O lugar

Marvila parecia o sítio ideal. Na geografia mental dos lisboetas funciona um pouco como um buraco, uma fractura da cidade, uma amálgama de baldios, quintas, conventos, edifícios industriais, bairros degradados, habitação social, caminhos de ferro, um sítio onde nada acontece.

E essa foi a primeira descoberta. Marvila é habitada por grupos sociais com identidades próprias, pessoas que têm uma vivência de bairro, tem além disso uma rede de apoio social estruturada, associações culturais e recreativas, espaços intersticiais onde as pessoas se encontram, veredas que marcam trajectos naturais. E esta não é uma ocupação recente. Marvila tem vestígios pre-históricos com 5000 A, foi habitada por romanos, visigodos, árabes e moçárabes, foi um importante foco de industrialização no sec. XIX, foi um polo de atracção de imigrantes das Beiras nos anos 40. Neste sentido Marvila é tudo menos nada.

Mas sendo a freguesia de Lisboa com maior crescimento populacional, tem o futuro em aberto, seja no sentido de se tornar um espaço qualificado e adequado às necessidades dos seus futuros habitantes, fomentando o crescimento de cada um dos seus habitantes, seja no sentido de se tornar mais um palco da manifestação da arrogância do poder, do primado do patobatismo, do desprezo pelos cidadãos e pela cidadania, do domínio dos guetos, um lugar de perda.

O acontecimento

Revedo as intenções inicialmente assumidas, penso que a vocação reflexiva que visava contribuir para uma discussão alargada acerca “dos valores e imagens que caracterizam o mundo e a sociedade contemporâneos”, “a importância fulcral das zonas periféricas e marginalizadas, a construção de uma cidadania activa e participada e o futuro possível e desejável”, discussão proposta numa perspectiva transdisciplinar, foi plenamente cumprida.

Edgar Morin na sua obra recente *Relier les connaissances* dizia que “Existe uma inadequação cada vez maior, profunda e grave entre de um lado um saber fragmentado em elementos separados e compartimentados nas disciplinas e do outro realidades multidimensionais, globais, transnacionais, planetárias e problemas cada vez mais transversais, pluridisciplinares ou seja transdisciplinares.” E deste fluxo através das fronteiras dos conhecimentos a que Edward Wilson chama de consiliência que podem surgir as maiores descobertas que se avizinham, para as quais a capacidade dos sintetizadores será fundamental.

Teria sido desejável que esta discussão tivesse tido mais eco junto dos media, mas também esse alheamento destas temas e um sinal dos tempos.

A sua dimensão de “evento cultural inclusivo e integrador, que pretendia interagir com as múltiplas realidades existentes no tecido humano e social de Marvila” e desse modo estimular a urbanidade, foi conseguido em grande parte com dois obices que não são de somenos. O primeiro e que nem todos os participantes convidados entenderam esta intenção que constituía ao mesmo tempo uma enorme oportunidade, a segunda e que qualquer processo de interacção tem características e ritmos que lhe são próprios e que são difíceis de prever, pelo que tentar que todos culminassem no breve espaço de um mês se afigurou uma tarefa de elevado risco e nem sempre bem sucedida.

Mas também nesta dimensão o resultado foi claramente compensador, quer para os participantes de fora quer para os habitantes. Emergiram heróis, estimularam-se vontades, criaram-se redes, iniciaram-se caminhos, de um lado e do outro.

A arte

Lisboa Capital do Nada integrou dezasseis projectos artísticos, com especial relevância para a fotografia, condicionando-os a uma vocação pública e interventiva, particularmente nas problemáticas do quotidiano, e proporcionando-lhes oportunidade de interacção directa com os utentes dos espaços públicos.

A arte assume neste contexto uma dimensão comunicativa, o encontro entre a sensibilidade

do artista em relação ao mundo que o rodeia e a carga experiencial de cada espectador mediada por uma criação estética. De alguma forma a possibilidade de transcendência que o espaço público pode proporcionar fica assim exponencializada.

Comungo da ideia de Stuart Morgan que caracteriza o mais importante papel do artista na sociedade actual como o de um “passador” no sentido de Michel Certeau, “como uma pessoa que leva outras pessoas ou coisas através de fronteiras ou para zonas interditas”. Essa intenção renunciada de induzir a descoberta dos espaços e a sua apropriação sensível através de projectos artísticos foi plenamente conseguida, particularmente por aqueles cuja obra já assume esta consciência e assim puderam integrar mais naturalmente no seu trajecto pessoal os trabalhos produzidos em Marvila.

Jose Maças de Carvalho no seu projecto Porque e que existe o Ser em vez do Nada, através de meios apropriados da publicidade, elevou cinco habitantes do bairro ao estatuto de heróis, possibilitando a comunicação com eles através de telemóveis. Fernanda Fragateiro integrou-se numa equipa de projectistas que, em interacção com as pessoas do local, vai desenhar uma praça e um jardim públicos. Leonor Antunes implantou um corrimão na parede, nas Escadinhas de Israel, num local em que o corrimão do outro lado estava interrompido. Joao Pedro Vale, no seu projecto Drill, permitiu dar a conhecer a actividade dos bombeiros, principalmente junto das crianças. Vasco Araujo montou um palco num espaço público para funcionar como um coreto. Estes e outros trabalhos são descritos mais pormenorizadamente neste mesmo livro-catalogo.

A Medicina

A Medicina e a Saúde, sendo essenciais para que as comunidades e cada pessoa em particular consiga funcionar, e no entanto dos exemplos mais gritantes da inadequação entre as necessidades explícitas e implícitas dos cidadãos e a capacidade de resposta do sistema, que revela uma rigidez angustiante face ao aumento e a modificação das necessidades em cuidados de saúde. Esta incapacidade expressa-se nas formas organizativas e de gestão, no volume dos recursos materiais e humanos, no seu equilíbrio relativo e na sua distribuição regional.

Do lado das necessidades temos uma população cada vez mais envelhecida e com patologia multiorganica, o surgimento de novas doenças como e o caso da SIDA, a transposição do local de morte de casa para o hospital, uma amplificação do conceito de resultado em cuidados de saúde, que ultrapassa a melhoria do estado de saúde e passou a abranger dimensões como o impacto económico, a informação, a acessibilidade, a componente interpessoal, a continuidade de cuidados e de uma forma mais lata a satisfação. A prossecução destes objectivos está cada vez mais dependente de uma actuação em equipa multidisciplinar e da qualidade organizativa.

O que vemos são instituições centradas em si e não nas necessidades dos utentes, verticalizadas em serviços de especialidades e não horizontalizadas em equipas funcionais, crescendo segundo uma lógica do poder dos lobbies internos, isoladas e sem articulação, reforçan-

do as especialidades de orgao ou sistema, que praticam tecnicas, em vez dos medicos generalistas que são capazes de abordarem os doentes como um todo e privilegiam a historia clinica e o exame objectivo, instituicoes sem avaliacao, sem incentivos, sem responsabilizacao e financiadas segundo uma logica que lhes da vantagem em não terem doentes.

Luís Campos

in Lisboa capital do nada_Marvila, 2001, Lisboa, 2001, pp.464-469

THE NOTHING METAPHOR

Luís Campos

In the Future World, the world will be ruled by synthesizers, people capable of collecting the right information at the right moment, thinking logically about it and taking important decisions wisely.

Edward O. Wilson

Consilience - The Unity of Knowledge

Observing the event Lisboa Capital do Nada as a whole and particularly in two areas as apparently distinct as art and medicine is a challenge that initially seems difficult, but when the author assumes these very facets, the challenge becomes impossible to turn down. The model of approach is deliberately fragmentary, but the diversity, the pulverization of events and the multiplicity of senses that emerged were stimuli for this type of approach.

The theme

The metaphor of "nothing", in the Heideggerian sense of what makes the transcendence of the being possible, is an invitation to start afresh. When it is applied to the need to rethink the city and urban life it becomes an exceptional starting point and a stimulus to question everything, to prompt innovation and simultaneously makes way to an utopia which is a nothing in which nothing wouldn't be inevitably lost.

When half the population of the globe lives in cities, and that proportion is almost 80% in developed countries, the theme becomes unquestionably topical and fundamentally important for the life of people and societies.

Living in the city results from the need and the pleasure that man has to be with others and presupposes the acceptance of difference and diversity. The city is a place of social, economic and cultural co-existence that enriches the inhabitants and makes them dependent upon each other. (M.A. Roca)

According to Heidegger, we exist in the world by inhabiting it. But we only inhabit it if we have an individual, group, local and collective identity. For this we need homes, facilities, public spaces, transitional spaces, identifiable structures of social support and a neighborhood life that allows a crossover between public and private space. The characteristics of urban agglomerations thus have a fundamental influence on the construction and regenerative capacity of this social identity, which, along with individual identity, is fundamental for the existence of a consolidated social fabric and for the adequacy of values of sustainability. Living in decent spaces and spaces is the right of each citizen. Bearing in mind these principles, what do we observe in our cities? Development is determined by property interests, which have a despicable relationship with the needs of the people. The labor force is expelled to dormitory towns on the periphery, where neighborhood relationships and the effort to create centricities are non-existent. The urban centers are emptied and are occupied almost exclusively by the elderly sector. The new urban geography is one of ghettos, of the poor and of the rich, also known as condominiums, stimulating strategies of survival and making sustainability difficult. Small shops have given way to hypermarkets, where social life is little more than a sham. Identities are market-fodder instead of being affirmed daily.

The incentive to participate has been replaced by passive subliminal consumption. Towers rise up as an affirmation of power. International chains construct uniformly identical buildings, indifferent to the places where they are located.

Places have made way for non-places, the sense of belonging for strangeness, the city as a support to values for their absence, living with others for loneliness, the vision of those who look for the horizon for the commonplace management of those who look no further than the edge of their desk.

Carl Sagan said that the future belongs to those societies that encourage diversity and not conformity. Lisboa Capital do Nada thus came as a demonstration of tremendous non-conformity in relation to something that is vital to the life of individuals and societies: the construction of the city of the future.

The place

Marvila seemed the ideal place. In the mental geography of Lisboetas (the people of Lisbon) it functions somewhat as a hole, a fracture of the city, a collection of wasteland, farms, convents, industrial buildings, decaying neighborhoods, council housing, railways... a place where nothing happens.

And that was the first discovery. Marvila is inhabited. by social groups with their own identities, people that have neighborhood existence. Apart from that, it also has a structured system of social support, cultural and recreational associations, interstitial spaces where people meet, paths that mark natural routes. And this is not an area that has been recently occupied.

Marvila has pre-historic vestiges that are 5 000 years old; it was inhabited by Romans, Visigoths, Arabs and Mozarabs; it was an important centre of industrialization in the 19th century; it was a focal point of immigration from Beiras in the 40s. In this respect, Marvila is anything but nothing. But as it is the area with the highest growth in population in Lisbon, its future is open. Will it become a decent and adequate space for the needs of its future inhabitants, stimulating the growth of each one of them? Or will it become just another stage for the demonstration of the arrogance of power, of the primacy of swagger, of disdain for citizens and citizenship, of the dominion of the ghetto, a place of loss?

The event

Reviewing the intentions set out initially, I think that the reflexive vocation that sought to contribute to a wider discussion of "the values and images that characterize the contemporary world and society", "the vital importance of peripheral and deprived areas, the construction of an active and participatory citizenship and a possible and desirable future", a discussion proposed from a trans-disciplinary perspective, was fully achieved.

In his recent work Relier les Connaissances, Edgar Morin said that: "There is an increasingly greater, deeper and more serious discrepancy between on the one hand knowledge that is fragmented into separate elements compartmentalized into disciplines and on the other

multidimensional, global, trans-national, planetary realities and problems that are increasingly transversal, pluri-disciplinary, that is trans-disciplinary". It is from this flow across the frontiers of knowledge, which Edward Wilson calls "consilience", that the great discoveries of the future will come, for which the capacity of synthesizers will be fundamental.

It would have been better if this discussion had had more impact in the media, but the alienation of these themes is a sign of the times.

Its objective as an "inclusive and integrating cultural event, of which the intention was to interact with the multiple realities existing in the social and human fabric of Marvila", and thus stimulate urban life, was largely achieved despite two not-insignificant obstacles. The first was that not all the invited participants understood this intention, which at the same time constituted a great opportunity. The second was that any process of interaction has its own characteristics and rhythms that are hard to predict, so that trying to make them all come together in the short space of a month was a high-risk task and not always totally successful.

But in this regard the result was also clearly worth it, both for the outside participants and for the inhabitants. On both sides heroes emerged, wills were stimulated, networks were created, pathways were started.

Art

Lisboa Capital do Nada comprised sixteen projects, especially featuring photography, giving them a public and intervenient vocation, particularly in terms of day-to-day problems and providing them with an opportunity for direct interaction with the users of public spaces. In this context, art takes on a communicative dimension, the meeting between the sensitivity of the artist in relation to the world around him and each spectator's experiential baggage influenced by aesthetic creation. The possibility of transcendence that public space can provide is in some way thus exponentially increased. I share Stuart Morgan's idea that the most important role of the artist in today's society is that of a "smugler" in the sense of Michael Certeau's "person who takes other people or things across frontiers or into forbidden areas". This stated intention to prompt the discovery of spaces and their sensitive appropriation via artistic projects was fully achieved, particularly by those whose work has already assumed this awareness and were thus able to integrate the work produced in Marvila more naturally into their personal direction.

In his project Why is there being instead of nothing?, José Maçãs de Carvalho, using appropriate publicity channels, elevated five inhabitants of the borough to the status of heroes, making it possible to communicate with them via mobile phones.

Fernanda Fragateiro was a member of a team of designers that, in collaboration with local people, are going to design a public square and garden. Leonor Antunes set up a handrail on the wall of the Escadinhas de Israel (steps) at a point where the handrail on the other side was interrupted.

In this project Drill, João Pedro Vale let us, and especially children, know about the activities of the fire brigade. Vasco Araújo set up a stage in a public space to serve as a bandstand.

These and other projects are described in more detail elsewhere in this book-catalogue.

Medicine

Medicine and Health are essential for communities and each person in particular to be able to function. However, there is a large discrepancy between the explicit and implicit needs of citizens and the capacity of the system to respond, which reveals a distressing rigidity towards the increase and modification of healthcare needs. This incapacity is evident in the methods of organization and management, in the volume of material and human resources, in their relative balance and in their regional distribution.

In terms of needs, we have a population that is becoming increasingly elderly and that has a multi-organic pathology, the appearance of new diseases like AIDS, the transposition of the place of death from the home to the hospital, an amplification of the concept of result in healthcare, which has overtaken the improvement in the state of health and has come to take in factors such as economic impact, information, accessibility, the interpersonal component, the continuity of care and satisfaction. The pursuit of these objectives is increasingly dependent on multi-disciplinary teamwork and organizational quality.

What we see are institutions that focus on themselves and not on the needs of the users, vertical in terms of specialized services and not horizontal in terms of functional teams, growing according to the power of internal lobbies, isolated and unarticulated, reinforcing organ or system specializations practicing techniques, instead of general doctors who are able to view patients as whole people and take into account clinical history and objective examination; institutions without evaluation, without incentives, without responsibility and financed according to a logic that makes it advantageous for them not to have patients.